

LAÍS KAROLINNE TAVARES DA SILVA

**ENFOQUE DIACRÔNICO: UM ESTUDO DAS
SEQUÊNCIAS VERBAIS**

Instituto de Letras, UnB
Brasília, 1º semestre de 2011.

ENFOQUE DIACRÔNICO: UM ESTUDO DAS SEQUÊNCIAS VERBAIS

por
LAÍS KAROLINNE TAVARES DA SILVA
Departamento de Lingüística, Português, Línguas Clássicas

Dissertação para conclusão de curso de graduação
em Letras Português na Universidade de Brasília.
Orientador: Professora Doutora HELOISA MARIA
MOREIRA LIMA DE ALMEIDA SALLES
UNB/ Instituto de Letras

Brasília, 1º semestre de 2011.

SUMÁRIO

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES	04
INTRODUÇÃO	05
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS – METODOLÓGICOS.....	07
1. SEQUÊNCIAS VERBAIS.....	07
2. TEMPOS COMPOSTOS.....	09
3. LOCUÇÕES VERBAIS.....	10
3.1 CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO.....	11
3.2 CONSTRUÇÕES COM INFINITIVO.....	12
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXOS.....	24

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

V → verbo

Prep. → preposição

P → particípio

PP → particípio passado

GER → gerúndio

INF → infinitivo

DSG → Os Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realiza-se um estudo diacrônico a respeito da formação das chamadas perífrases verbais, ou sequências verbais em dados do português arcaico, buscando-se estabelecer confronto com o português atual. A partir da hipótese da gramaticalização, será abordado o processo de formação das locuções verbais e do tempo composto.

Algumas hipóteses a respeito das condições que propiciaram o processo de gramaticalização são levantadas no decorrer do estudo. Em particular, aborda-se a questão do conteúdo de posse em HAVER e TER. Verifica-se que esses verbos passam de plenos, em um processo de esvaziamento semântico, a auxiliares. No exemplo em (1), extraído de DSG do século XIV, temos o verbo TER no sentido de posse herdado do latim:

(1) (...) *aquelas cousas que tem aparelhadas.*

Já no exemplo em (2), citado por Mattos e Silva (2006:141) extraído da *Lenda do rei Rodrigo*, documento da metade do século XV, já se pode notar o esvaziamento semântico do verbo HAVER:

(2) (...) e a mulher do conde, que já *havia sabido toda sua fazenda.*

Outra questão levantada está relacionada a um fenômeno que, segundo Dias (1959:250), ocorria até, pelo menos, no século XVI, não sendo mais registrado no português moderno. Com verbos intransitivos, ocorriam sequências constituídas de *ser* + participio, expressando ato consumado, concluído perfectivo, conforme ilustrado em (3), retirado dos DSG (1989: 444-447):

(3) Aquele meu amigo *era passado* deste mundo.

São combinações que representam, para Dias (*ibid*), tempos compostos dos depoentes latinos: apresentam forma passiva, mas significação ativa.

Um fenômeno também relevante é a existência de verbos que, no português moderno, em determinadas estruturas linguísticas, são auxiliares, enquanto, no português arcaico, podem ocorrer como verbos plenos: *ser*, *estar*,

andar, ir, jazer. Os verbos plenos constituem categoria que apresenta comportamento lexical, responsáveis pela predicação da sentença, além de estruturarem a sentença sintática e semanticamente. Já os verbos auxiliares representam uma categoria gramatical que forma uma unidade semântica, sintática e funcional com o verbo principal; não podem, isoladamente, selecionar os constituintes sintáticos e semânticos da sentença; marcam as categorias gramaticais de *tempo, pessoa, número, voz e aspecto*.

O corpus que será analisado neste trabalho é constituído por cantigas medievais galego-portuguesas que foram atribuídas a Afonso (Rei de Castela e de Leon), retiradas do livro *Cantigas Profanas* D. Afonso X, El Sabio, (1221 - 1284). Foram identificadas sequências verbais com os verbos *haver, ser, ir e andar*. Os dados foram subdivididos em:

(i) **sequências com verbos de inventário restrito (locuções verbais)** - conjugações perifrásticas ou tempos compostos, formadas com verbos comumente classificados como auxiliares, como em (4)

(4) (...) do que lhi **havia emprestado** (v.18, cantiga XV);

(ii) **sequências com verbos de sentido pleno** - os verbos que acompanham as formas nominais mantêm seu significado lexical, como em (5),

(5) “com os quaes oj” **anda arrufado** (v. 24, cantiga XV),

O verbo *andar* ocorre no sentido pleno, indicando deslocamento sem diretriz, seguido de adjetivo, ou ainda modo de andar;

(iii) **sequências verbais de difícil interpretação**, como no exemplo em (6),

(6) “E porend’ é gran traedor **provado** (v.19, cantiga XV)”

Note-se que *provado* pode estar funcionando como particípio do verbo PROVAR ou pode estar exercendo a função de adjetivo de *traedor*, o que torna a sequência verbal duvidosa.

Em anexo, fornecem-se os dados que fundamentam a análise.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Define-se a linguística histórica como o campo da linguística que estuda as mudanças — fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais — ao longo do tempo histórico em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada, em espaço geográfico e território que possam ser determinados (Mattos e Silva - 2008: 08). Contudo, utilizando as próprias palavras da autora neste mesmo livro, ela diz “(...) cheguei a uma formulação do que trata a linguística histórica, ou seja, não se trata apenas das mudanças das línguas ao longo do seu tempo de uso. É algo mais.” Segundo Mattos e Silva (2006:16), pode-se dizer que nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente nos faz.

Quando um fenômeno passa a ocorrer de forma previsível e estável no sistema linguístico, ele pode ser considerado gramaticalizado, saindo do discurso e passando a configurar a gramática (Cunha, 2001). Meillet (1912, apud Castilho, 1997:10) foi o primeiro a caracterizar o fenômeno chamado de gramaticalização como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma. Em suas investigações filológicas, o autor enfatiza o aspecto geral em praticamente todos os processos de mudança.

Segundo Lehmann (1985), as variações nos itens linguísticos serão graduais e não abruptas. Para o autor, a gramaticalização obedeceria a uma escala gradual. Quanto mais livre é um signo, mais autônomo. O fenômeno da gramaticalização seria caracterizado, portanto, pela perda progressiva de autonomia de um determinado signo linguístico. Assim, a gramaticalização corresponderia a uma mudança de um signo linguístico na direção da perda de autonomia dentro de uma escala.

1. Sequências Verbais

Tempo composto, perífrase verbal, locução verbal, tais sequências que são, segundo Mattos e Silva (2006: 139), compostas por verbos de inventário restrito associados às formas nominais – Particípio Passado, Gerúndio e Infinitivo -, passam a constituir sintagmas verbais. A conjugação

perifrástica, maneira como essas sequências são tratadas nas gramáticas tradicionais, são subcategorizadas em tempos compostos e locuções verbais.

Na metalinguagem tradicional, a nomenclatura de locuções verbais é empregada para se referir à unidade morfológica constituída de verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo ou no gerúndio, reservando-se a terminologia de tempos compostos apenas para as unidades cuja forma principal encontra-se flexionada no particípio. Outras vezes, ainda, não se estabelece qualquer distinção entre os termos, os quais são tomados como sinônimos.

Os chamados verbos de inventário restrito ou auxiliares carregam as marcas gramaticais de modo, tempo, número e pessoa, geralmente antecedendo ao verbo principal. Este, de inventário aberto na língua, não carrega as referidas marcas, mas expressa a verdadeira ação verbal da perífrase e aparece numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

As modificações que ocorreram no sistema linguístico fizeram com que a aproximação das noções aspectuais de duração conclusa e de ação passada não-flexionada reformulasse os parâmetros verbais, eliminando a distinção que, anteriormente, vigorava no sistema verbal (Eleutério, 2003). No latim, o verbo, quando concordava com o sujeito, recebendo, assim, flexão número-pessoal, era marcado morfológicamente, expressando as categorias de aspecto, tempo e modo. Ao longo do tempo, ocorreu a perda das marcas morfológicas aspectuais que eram pouco produtivas, o que favoreceu o aparecimento das construções perifrásticas e o rearranjo do sistema verbal.

Nesse processo de reorganização das formas verbais, a substituição da categoria aspecto, em favor da categoria de tempo, deve-se, sobretudo, ao fato de o tempo ser uma caracterização externa mais sistematizável. Mesmo assim, Mattoso (1974:143) considera que ainda no puro nível gramatical a categoria aspecto funciona subsidiariamente em português. Segundo o autor, a categoria aspectual foi a que motivou a entrada das conjugações perifrásticas em uso pleno na língua, pois, nessas sequências, o verbo auxiliar combinava-se com uma forma verbal para expressar não só tempo e modo, mas também um determinado aspecto, ou seja, a locução como um todo que subordinava o

complemento, o que fez com que se preservasse a concordância nominal do particípio com o respectivo complemento.

2. Tempos Compostos

Os tempos compostos possuem em sua estrutura o particípio passado, denotando, portanto, aspecto perfectivo. Autores da tradição gramatical apresentam de maneira constante como verbo auxiliar de tempos compostos os verbos *ser*, *ter*, *haver*. Temos como exemplos fragmentos de DSG (1989: 444-447):

(7) O meu filho *he morto*. Vem tu e resuscita-o.

(8) Aquele meu amigo *era passado* deste mundo.

Ainda segundo Mattos e Silva (2006: 140), tais combinações são conhecidas como depoentes, definidas, na gramática do latim, como verbos que apresentam forma passiva, mas com significação ativa. A seguir, um exemplo de forma depoente:

(9) *Era fallecido* el rei Bolife. (Falecera).

O conteúdo semântico tanto de *haver* quanto de *ter*, no período arcaico, herdado do latim, expressa um estado de posse. Os tempos compostos com esses verbos só se generalizam quando o particípio passado deixa de ser flexionado (Dias, 1959: 250). Said Ali (1964: 160), por exemplo, considera que a construção *ter+particípio passado* só começa a ocorrer, no português moderno, quando há perda da concordância do particípio passado [adjetivo] de verbos transitivos com o seu complemento direto. O exemplo em (10), a seguir, extraído de DSG do século XIV, mostra o verbo *ter/haver* seguido de particípio, com concordância com o complemento direto:

(10) (...) *aquelas cousas que tem aparelhadas*.

No exemplo (11), do século XV, extraído da *Lenda do Rei Rodrigo*, ocorrem, em um mesmo enunciado, a concordância e a não-concordância do particípio:

- (11) (...)e non sabedes vós *quanto afam e trabalho avedes tomado e quantas espadas e seetadas havedes levadas*.

Mattos e Silva (2002:129), em um estudo sobre *Os usos em João de Barros* (século XVI), indica que o aparecimento das perífrases verbais pode ainda estar século XIII. Segundo a autora, os dados referentes à variação da concordância do particípio passado de verbo transitivo e o uso de *haver* com particípio passado não-transitivos, ergativos, dão condição à antecipação da possibilidade de tempos compostos. Assim, para ela, o tempo composto pode ocorrer com qualquer tipo de verbo e não apenas com os transitivos.

Nos dados encontrados em João de Barros, há tanto ocorrências arcaizantes, que apresentam concordância com o particípio passado (cf. 12), como ocorrências que seguem o padrão moderno (cf. 13) e, ainda, aquelas em que a identificação é ambígua, já que não se sabe se o exemplo constitui uma estrutura composta ou arcaizante (cf. 14).

- (12) (...) a nossa linguagem que *temos pósta* em arte.
(13) (...) ao quaes já das escolas *tendes ouuido* ditos e sentenças.
(14) (...) soma de dinheiro que lhe *tinha tomado* a logro.

Destacando que havia, no português arcaico, uma liberdade de estruturação dos constituintes na sentença, a autora revela que a estrutura em (12) e (14) ainda não formava uma perífrase verbal. A não concordância com o particípio passado teve origem nos contextos em que a concordância ocorria com menor frequência, quando o complemento direto e o sintagma nominal estavam pospostos a *ter/haver+ particípio passado*.

3. Locuções verbais

As locuções verbais têm em sua composição o gerúndio ou o infinitivo, expressando conteúdos aspectuais e modais. Os verbos *estar*, *ir* são associados ao GER, enquanto os associados ao INF variam.

3.1 Construções com gerúndio

De acordo com Mattos e Silva (2006: 141), nas construções com gerúndio, os verbos que formam perífrase com o gerúndio, podiam, no período arcaico, ocorrer semanticamente plenos, ou seja, com seu significado lexical etimológico, sendo estes: *ser* (lat. sedere) ‘estar sentado’; *estar* (lat. stare) ‘estar de pé’; *andar* (lat. ambicare) ‘deslocar-se com os pés’; *ir* (lat. ire) ‘deslocar-se em direção a’; *jazer* (lat. jacere) ‘estar deitado’.

Tanto no português arcaico quanto no português contemporâneo, fica-se na dúvida a respeito a natureza sintática das sequências desses verbos com gerúndio. A dúvida se configura ao determinar tal sequência ou como locução verbal, ou como duas orações, sendo uma principal e a outra subordinada reduzida temporal. Mattos e Silva (2006: 141), na discussão a respeito das propriedades caracterizadoras da locução verbal, observa que essa perífrase apresenta uma unidade sintático-semântica entre v e V, que expressa o aspecto durativo.

Observem-se os exemplos a seguir, extraídos da obra da referida autora, a leitura entre colchetes corresponde àquela em que o auxiliar é interpretado em seu significado etimológico/lexical:

(15) Achou monges que *siiam lendo* [estavam sentados e liam] (p. 142)

(16) *Estando* a hũa fêẽstra *rogando* Nosso Senhor [estando de pé rogavam] (p. 142)

(17) O sacerdote *andava podando* sa vinha [deslocava-se com os pés e podava] (p. 142)

(18) Ele *jazia tremendo* e ferindo a terra [estava deitado e tremia...] (p. 142)

Nos exemplos (15) a (18), em que as sequências verbais possuem aparência de perífrases, mas, em virtude da obediência à etimologia de *siiam*, *estando*, *andava e jazia*, levam-nos a crer que, em cada período, ocorrem duas orações com os dois verbos, expressando ações simultâneas. Também é constatado que, muitas vezes, tem sido difícil para os gramáticos estabelecer com nitidez a diferença em relação a quais verbos são auxiliares ou plenos.

Para reafirmar essa impressão, valemo-nos do que nos dizem, em nota de rodapé, Cunha e Cintra (2001: 395): “Como não há uniformidade de critério lingüístico para a determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares”. O fato é que, examinando-se o tema, chamam especialmente a atenção do estudioso frases em que aparece, por exemplo, o verbo SER seguido de um particípio flexionado em concordância com o sujeito. Câmara Jr. (1975: 167) elucida a questão com a seguinte observação:

O que caracteriza, com efeito, a construção passiva depende, exclusivamente, do nome predicado, que aqui é o particípio perfeito de um verbo transitivo e não um nome adjetivo puro. Do ponto de vista oracional, tem-se o mesmo tipo de frase em: a) os soldados foram punidos; b) os soldados foram covardes. A diferença significativa está entre o adjetivo *covardes*, que expressa uma qualidade nominal, e o particípio punidos, que tem força verbal e assinala uma atividade realizada.

3.2 Construções com Infinitivo

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1975:172-173), tratando-se de português contemporâneo, verbos seguidos de INF não-flexionado constituem uma série aberta, sendo que de todos os verbos seguidos de INF, os que mais perderam seu valor de verbo pleno são *ter de* + INF (obrigação/necessidade) e *ir* + INF (intenção de futuro).

Mattos e Silva (2006: 143) considera que, no período arcaico, *aver de* corresponde a *ter de*, podendo variar com *aver a* – (cf. 19 e 20). A perífrase *Ir* + *INF* já são utilizados desde o período arcaico (cf. 21 e 22).

(19) *Ei de fazer* a obra

(20) *Aviam de tomar* logo (lugar)

(21) *Vau demandar* outro lugar.

(22) *la tomar* o pan.

(exemplos dos DSG)

A referida autora subcategoriza a série aberta de verbos que segue o INF com base na semântica lexical destes, o que permite identificar a tipologia a seguir, com a respectiva exemplificação: causativos (cf. 23), sensitivos (cf. 24), aspectuais (cf. 25), modais (cf. 26). A variação entre *V+V(inf.)* e *V+ prep. + V(inf.)* ocorre no português arcaico. Esses verbos seriam: seguidos de INF ou com tempo marcado – pelo INF.Flexionado – ou por orações subordinadas iniciadas por *que* integrante. No segundo caso, a sequência verbal corresponde a duas orações e não a uma locução verbal.

(23) Com grande prazer *lhe enviou dizer* a morte de *seu enmiigo*

(24) *Desejan vencer* – *desejan a seer* perfeitos

(25) Non *ousavan fazer* – *ousa a preegar* a todos los poboos

(26) Non *deve demandar* os miragres – *Deve a temer a ira* dos
bons.

Exemplos extraídos dos DSG (1989:461-469)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O corpus é constituído por cantigas medievais galego-portuguesas, que foram atribuídas a Afonso (Rei D.) de Castela e de Leon, retiradas do livro *Cantigas Profanas* D. Afonso X El Sabio, (1221 - 1284)¹.

1. Estudo das seqüências verbais encontradas no *corpus*:

Como já foi dito, é constatado que, muitas vezes, tem sido difícil para os gramáticos estabelecer com nitidez a diferença entre verbos auxiliares ou plenos. Neste estudo, os dados estão distribuídos de acordo com o papel que tais verbos exercem sintaticamente, mas não deixarão de estar relacionados com seu sentido etimológico.

O quadro a seguir agrupa algumas características que ajudam a distinguir os verbos plenos dos auxiliares:

VERBOS PLENOS	VERBOS AUXILIARES
<ul style="list-style-type: none">• Categoria que apresenta comportamento lexical, responsável pela predicação da sentença;• Estruturam a sentença sintática e semanticamente.	<ul style="list-style-type: none">• Categoria gramatical que forma uma unidade semântica, sintática e funcional com o verbo principal;• Não podem, por si sós, seleccionar os constituintes sintáticos e semânticos da sentença.• Marcam as categorias gramaticais de <i>tempo, pessoa, número, voz e aspecto</i>

2. Sequências com verbos de inventário restrito (locuções verbais)

Os dados em (27) a (29) ilustram seqüências verbais encontradas no corpus que cumprem o papel de locuções verbais, conjugações perifrásticas ou tempos compostos, formadas com verbos comumente classificados como auxiliares.

(27) E, se m'eu quisesse **seer viltada**,/ ben acharia quen xe me viltasse" (v. 1/2, cantiga I);

(28) E con dereito **seer enforcado** / deve (v.13/14, cantiga XV);

¹AFONSO X El Sabio, *Cantigas Profanas*. Biblioteca Virtual Katharsis, 2008. Disponível em: http://www.revistakatharsis.org/Alfonso_profanas.pdf

(29) **seerá** ôi-mais por mim **retado** (v.26, cantiga XV)

Nos três versos, o Verbo *ser* funciona como auxiliar seguido pelos verbos *viltar* (tomar vil, rebaixar), *enforçar* e *retar* (acusar), que estão no particípio, caracterizando uma locução verbal na voz passiva.

Nas ocorrências em (30) e (31), o verbo *ser* é utilizado como auxiliar mais o intransitivo *nascer*. Segundo Mattos e Silva (1994: 63), tais combinações são conhecidas como depoentes, sendo definidas, na gramática do latim, como verbos que apresentam forma passiva, mas com significação ativa. Tal estrutura que já não é encontrada no português moderno.

(30) E poren **foi** Coton mal dia **nado** (nascido) (v.7 cantiga XV); e

(31) foi en o mundo por sa senhor/ homen **que fosse nado**,/ penado, penado.
(v. 7/8/9, cantiga XLII)

Em (32), tem-se a perífrase formada de verbo auxiliar mais particípio. Nota-se a preferência pelo verbo Haver como auxiliar, em lugar de TER português arcaico.

(32) que **trobado** / nunca **ouvess'el** (v. 9/10, cantiga XV)

Nos dados em (33) a (35), tem-se a perífrase verbal formada de auxiliar *haver/ter* + particípio:

(33) que nunca tivesse ele **trovado**.

(34) do que lhi **havia emprestado** (v.18, cantiga XV);

(35) que **tant'hei desejado**, / que ja o sem / perdi por en (v. 12/13/14, cantiga XLII)

Nos dados (36) a (44), a estrutura mais encontrada no corpus, tem-se nove ocorrências do verbo IR + INF.

(36)E, sen esto, er **foi el gaanhar** / ben mais ca os seus avoos primeiros; (v. 15/16, cantiga XII);

(37) e Vilar de Paes ar **foi comprar** pera seu corp', (v. 18/19, cantiga XII);

(38) de seus cantares, que el **foi furtrar** (v. 2, cantiga XV);

(39)pois que se quant'el **foi lazerar** (v.11, cantiga XV);

(40)porque **foi filhar** (tomar, furtrar, filar) (v. 14, cantiga XV)

(41)bevendo con ele, o **foi matar** (v.22, cantiga XV)

(42)Pois que **me foi el furtrar** meu podengu'e mi o negar; (v. 1/2, cantiga XXIX);

(43)nunca de pran **foi falir** en querer eu pena (v.9/10, cantiga XXXVI).

(44)Ca o mal que vos **foi ferir** / aquel é meu e non vosso (v. 23/24, cantiga XL);

Mattoso Câmara Jr. (1975:172-173) afirma que de todos os verbos seguidos de INF, os que mais perderam seu valor de verbo pleno são *ter de* + INF (obrigação/necessidade) e *ir* + INF (intenção de futuro) – estrutura que já é utilizada desde o português arcaico, com certa frequência, como mostra os dados, para expressão de uma intenção a realizar-se (Mattos e Silva (2006: 143).

Em (45) temos a estrutura morfológica da passiva analítica, “fui pelo amor atingido”, com SER (aux.) + PP, com verbo transitivo.

(45)Ca log'a1i / u vos eu vi, / **fui** d'amor **aficado** / tan muit'en mi, (v. 19/20/21/22, cantiga XLII)

3.Sequências com verbos de sentido pleno.

Nos versos seguintes (45) a (50) retirados do *corpus* aqui analisado, os verbos que acompanham as formas nominais mantêm seu significado lexical, isto é, ocorrem duas ações, expressando ações simultâneas:

(45) “e rogo-vos que me non afiquedes /daquesto, mais **ide-m' assi sofrendo**” (v. 30, cantiga I)

(46) “E pois vejo que me non conhocedes, / de mi atanto vos **irei zendo**” (v. 13/14, cantiga I);

(47) mais, desque [eu] oí ben sas razões e []na conta **foi mentes parando**. (v.4, cantiga XV);

(48) por que oj' **anda vistido** e **onrado** (v. 6, cantiga XV)

(49) com os quaes oj' **anda arrufado** (v. 24, cantiga XV)

(50) Cítola oí **andar-se queixando** / deque lhi non davan sas quitações; (v. 1/2, cantiga XVIII)

Segundo Mattos e Silva (2006: 141), os verbos, quando seguidos de gerúndio podiam, no período arcaico, ocorrer semanticamente plenos, ou seja, com seu significado lexical etimológico. Em (45) “sofrendo” é o modo como ocorre a ação, tratando-se de oração subordinada adverbial. O verbo andar, em (48), (49), (50),

ocorre no seu sentido pleno, deslocamento sem diretriz, seguido de adjetivo, ou ainda do modo de andar.

Em (51), temos uma construção frasal que põe em evidência um estado de posse, conteúdo semântico herdado do latim como no exemplo que ela traz extraído dos DSG: *todo los bẽes que mh'á feitos*. Mattos e Silva (2006: 140).

(51) Pero da Pont' **á feito** gran pecado (v. 1, cantiga XV)

“á”, verbo aver, verbo frequentemente utilizado no português arcaico, estrutura que, com o tempo, passa a ocorrer essencialmente com o verbo “ter”. Tem feito, isto é, possui já feito, dentro de si, um ato consumado com sentido de posse.

Em (52) podemos observar, pelo contexto, o verbo *ir* em seu sentido pleno de deslocamento.

(52) Senhor, rnui ben me vos **fostes salvar** de pena veira, que trager vos vi; (v. 15/16, cantiga XXXVI)

4. Sequências verbais de difícil interpretação.

Nas ocorrências (53) e (54) temos sequências verbais ambíguas formadas com o verbo *haver*:

(53) quanto el **lazerado / ouve** gran tempo (v.3/4, cantiga XV)

(54) pois-lo **ouve soterrado** (v.15, cantiga XV)

Em (53) a sequência pode ser formada pelo verbo *haver* e o verbo *lazerar* = tivesse sofrido, embora tivesse sofrido. Ou pode-se ter a interpretação do verbo *haver* expressando tempo decorrido = por muito tempo veio trabalhando.

Em (54) O verso se torna ambíguo à medida que o verbo *HAYER* se apresenta com sentido de “posse”, *teve soterrado*, gerando dúvida a respeito de qual verbo o pronome *lo* seria complemento.

Nos dados de (54) a (55), têm-se duas perífrases duvidosas no ponto em que não há a clara classificação morfológica e sintática de alguns constituintes:

(55) E porend' é gran traedor **provado** (v.19, cantiga XV)

(*Provado* pode estar funcionando como particípio do verbo *provar* ou pode estar exercendo a função de adjetivo de *traedor*.)

(56) enquant' eu **for** / de vós tan **alongado**, nunca en maior coita d'amor, (v.2/3, cantiga XLII).

(no sentido de estar afastado. O verbo *ser* oscila entre a função de auxiliar, enquanto *alongado* hesita entre a categoria de verbo *alongar* e a de adjetivo qualificando o pronome *eu*.)

O quadro abaixo foi formado a partir da distribuição dos verbos AVER, SER, IR, ANDAR de acordo com o funcionamento desses verbos nos trechos analisados:

	1) Sentido restrito	2) Sentido pleno	3) Sentido ambíguo
AVER	03	01	02
SER	05	-	02
IR	10	04	-
ANDAR	-	03	-
Total	18	08	04

Foram encontradas no corpus 30 ocorrências de sequências verbais. Note-se que, no período em que as *Cantigas Profanas* foram escritas, o sistema linguístico ainda estava se rearranjando nessa nova estrutura verbal. Em vários trechos, verbos, que na linguagem moderna seriam auxiliares, estão apresentados em seus sentidos plenos, etimológicos.

No conjunto de dados “(i) Sequências com verbos de inventário restrito (locuções verbais)”, em (30) e (31), encontramos um fenômeno que, segundo Dias (1959:250), ocorria até, pelo menos, no século XVI, não sendo mais registrado no português

moderno. Com verbos intransitivos, como nos dados “nascer”, ocorriam sequências constituídas de *ser* + particípio passado, expressando ato consumado, concluído perfectivo. Como no exemplo retirado dos DSG (1989: 444-447): O meu filho *he morto*. Vem tu e resuscita-o. São combinações que representam, para Dias (*ibid*), tempos compostos dos depoentes latinos.

Sabe-se que, no processo diacrônico da evolução da língua portuguesa, houve um perceptível retrocesso no emprego de “*haver*” como verbo principal, substituído cada vez mais por “*ter*”. Na verdade, *tenere* começa a invadir o campo de *habere*, desde o século XIII, como se pode ver no exemplo “lancas que todas tienem perdone” (Cf. Corominas, 1957). Mesmo que o falante da língua arcaica trocasse uma por outra forma, mantinha-se a distinção entre os valores de posse de *haver* e manutenção de *ter*. No corpus aqui analisado, não constou, em todas as cantigas, uma só ocorrência de perífrase verbal com o verbo *ter*. O fato das cantigas terem sido escritas ainda no século XIII pode contribuir para a grande utilização de *haver*. Mattos e Silva (2002:129), em um estudo sobre Os usos em João de Barros escrito já no século XVI, afirma que *ter* é, preferencialmente, o verbo responsável pela formação do tempo composto, cabendo ao *haver* a responsabilidade de formação do tempo futuro (*haver de amar*, por exemplo).

Outro fator relevante está relacionado ao fato de que mesmo nesse período inicial de formação de locuções verbais e tempos compostos, pode-se encontrar nos dados formas verbais que fazem parte do que chamamos de português moderno como em *havia emprestado*, apesar de também apresentar formas verbais que estão em completo desuso como *á feito*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o período arcaico da Língua Portuguesa é muito significativa para que se tenha uma visão mais ampla e maior compreensão do percurso histórico do português se constituindo como língua. A documentação desse período se faz essencial na tentativa de se trilhar esse caminho, nessa aparente desordem que a escrita medieval nos apresenta.

As considerações feitas a respeito da formação do tempo composto e locuções verbais ao longo do espaço de tempo que compreende o período arcaico da língua portuguesa, retornando a estudos histórico-diacrônicos, a partir da análise dos dados, permite-nos chegar a algumas constatações.

Nos dados estudados, há tanto ocorrências arcaizantes, que apresentam, por exemplo, o conteúdo lexical do verbo *haver* com sentido de posse como em “Pero da Pont’ **á feito** gran pecado (v. 1, cantiga XV)”, como ocorrências que seguem o padrão moderno - “do que lhi **havia emprestado** (v.18, cantiga XV); e, ainda, aquelas ambíguas - “pois-lo **ouve soterrado** (v.15, cantiga XV)”, em que não se sabe se o exemplo constitui uma estrutura composta ou arcaizante. Destacando que havia, no português arcaico, uma liberdade de estruturação dos constituintes na sentença.

Temos também nos dados, estruturas que já não são registradas no português moderno, como o caso dos tempos compostos dos depoentes latinos que com verbos intransitivos, ocorriam sequências constituídas de *ser* + participio passado, expressando ato consumado, concluído perfectivo. Como no exemplo retirado das *Cantigas Profanas*: E poren **foi** Coton mal dia nado (nascido) (v.7 cantiga XV).

A estrutura mais encontrada no corpus se constituiu da ocorrência do verbo IR + INF com uma intenção de futuro. Mattoso Câmara Jr. (1975:172-173) afirma que de todos os verbos seguidos de INF, os que mais perderam seu valor de verbo pleno são *ter de* + INF (obrigação/necessidade) e *ir* + INF (intenção de futuro) – estrutura que já é utilizada desde o português arcaico, com certa frequência, como mostra os dados, para expressão de uma intenção a realizar-se (Mattos e Silva (2006: 143).

A questão da formação das sequências verbais, aqui esboçada, precisa de que se analisem mais dados de outros séculos do período arcaico para que possam ser considerados ou reconsiderados aspectos aqui não resolvidos.

REFERÊNCIAS

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 29^a ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: PADRÃO, 1975.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A gramaticalização. Estudos lingüísticos e literários*. Bahia: Programa de PósGraduação em Letras e Linguística da UFBA, 1997. nº 19.

COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid, 1954-1957.

COSTA, S. B. E BARRETO, T. M. “Relação entre advérbios, preposições e conjunções em dois momentos sincrônicos do português: século XIV e século XX”. Comunicação ao IX Congresso da ALFAL. Campinas, 1990.

CUNHA, Celso. CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ELEUTÉRIO, Silvia Maria. *A variação Ter/haver: documentos notariais do século XVII*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, 2003. Mimeo. 2 vol.

HUBER, J. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933 (Trad. Port.: *Gramática do português arcaico*. Lisboa: Gulbenkian, 1986).

LEHMANN. *Grammaticalization: Synchronic variation and diacronic change*. *Lingua e Stile*. a. XX, nº 3.

Formatado: Inglês (EUA)

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Caminhos da linguística histórica - “ouvir o inaudível”*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. *A variação ser/estar e haver/ter nas Cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros*. In: MATTOS E SILVA, R. V. & MACHADO FILHO, A. V. (orgs) *O português quinhentista*. Estudos lingüísticos. Salvador: EDUFBA/UEFS: 2002, p. 143-160.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo:
Melhoramentos, 1964.

Formatado: Português (Brasil)

ANEXOS

Corpus, *Cantigas Profanas Afonso X El Sabio*(1221 - 1284) 2.:

- I -

Ca [me] rogades cousa desguisada;
e non sei eu quen vo-lo outorgasse: 10

de perdoar qu no mal deostasse,
com' el fez a min, estando en sa pousada.

E pois vejo que me non conhocedes,
de mi atanto vos **irei zendo**:
se a vez assanhar me fazedes, 15
saberedes quaes peras eu vendo.

E, se m'eu **quisesse seer viltada**,
ben acharia quen xe me viltasse;
mais, se m'eu taes non escarmentasse,
cedo meu preito non seeria nada;
e en sa prol nunca me vós faledes, 20
ca, se eu soubesse, morrer' ardendo;
se a vez assanhar me fazedes,
saberedes quaes peras eu vendo.

E por esto é grande a mia nomeada, 25
ca non foi tal que, se migo falhasse,
que en eu mui ben non-[no] castigasse,
ca sempre fui temuda e dultada;

2 AFONSO X EL SABIO, *Cantigas Profanas*. Biblioteca Virtual Katharsis, 2008. Disponível em:
http://www.revistakatharsis.org/Alfonso_profanas.pdf

e rogo-vos que me non afiqueades
daquesto, mais **ide-m' assi sofrendo**; 30
se a vez assanhar me fazedes,
saberedes quaes peras eu vendo.

- XII –

Ansur Moniz, muit' **ouve gran pesar**,
quando vos vi deitar aos porteiros
vilanamente d'antre os escudeiros;
(...)
E, sen esto, er **foi el gaanhar** 15
ben mais ca os seus avoos primeiros;
e comprou Fouce, en terra de Cabreiros,
e Vilar de Paes ar **foi comprar**
pera seu corp', e diz ca non lh'en Cal
de viver pobre, ca, quen x'assi fal, 20
falecer-lh'an todos seus companheiros.

- XV -

Pero da Pont' **á feito** gran pecadod
e seus cantares, que el **foi furtar**
a Cotón, que, quanto el **lazerado**
ouve gran tempo, el x'os **quer lograr**,
e doutros muitos que non **sei contar**, 5
por que **oj'anda vistido e onrado**.

E poren **foi** Coton mal dia **nado**,

pois Pero da Ponte erda seu trobar;
e mui mais lhi valera que **trobado**
nunca **ouvess'** el, assi Deus m'ampar, 10
pois que se de quant' el **foi lazerar**
serve Don Pedro e non lhi dá en grado.

E con dereito **seer enforcado**
deve Don Pedro, por que **foi filhar**
a Coton, pois-lo **ouve soterrado**, 15
seus cantares, e non **quis[o] en dar**
u soldo pera sa alma quitar
sequer do que lhi **avia emprestado**.

E porend' é gran traedor provado,
de que se já nunca pode salvar, 20
come quen a seu amigo jurado,
bevendo con el, o **foi matar**:
todo polos cantares del levar,
con os quaes **oj'anda arrufado**.

E pois non á quen no poren retar 25
queira, **seerá** oi-mais por min **retado**.

- XVIII -

Cítola oí **andar-se queixando**
deque lhi non davan sas quitações;

mais, desque [eu] oí ben sas razões
e []na conta **foi** mentes **parando**,
logo tiv' i que non dissera ben 5
e era já quite de todo sen:
poren faz mal **d'andar-s' assi queixando**.

- XXIX -

Pois que **me foi el furtar**
meu podengu'e mi o negar;
e, quant' é a meu cuidar, 5
estes penhos pesar-lh' an:
ca o quer' eu penhorar
na cadela, polo can.
Penhorem os daian
na cadela, polo can. 10

- XXXVI –

- Garcia Pérez, vós ben cosecer
podedes: nunca de pran **foi falir**
en querer eu pena **veira trager** 10
velha en corte, nen na sol cobrir;
pero de tanto ben a salvarei:
nunca me dela en corte paguei,
mais estas guerras nos **fazen bulir**.

Senhor, rnui ben me vos **fostes salvar** 15
de pena veira, que trager vos vi;
e, pois de vós a **queredes deitar**,
se me creverdes, faredes assi:
mandade logu'est'e non aja i al:
deita[de-a] logu' en un muradal, 20
ca peor pena nunca d'esta vi.

- XL -

Que farei eu pois que non vir
o mui bon parecer vosso?
Ca o mal que vos **foi ferir**
aquele é meu e non vosso,
e por ende per ren partir 25
de vos muit'amar, non posso,
nen farei,
ante ben sei ca morrerei,
se non hei
vós, que sempre i amei.

- XLII -

Par Deus, senhor,
enquant' eu **for**

de vós tan alongado,

nunca en maior

coita d'amor,

5

nen atán coitado

foi en o mundo por sa senhor

homen **que fosse nado,**

penado, penado.

Sen nula ren,

10

sen vosso ben,

que **tant'hei desejado,**

que ja o sen

perdi por en

e **viv' atormentado,**

15

sen vosso ben de morrer en

cedo é mui guisado,

penado,penado.

Ca log'a1i

u vos eu vi,

20

fui d'amor aficado

tan muit'en mi,

que non dormi

nen houve gasalhado;

se m'este mal durar assi,

25

eu nunca **fosse nado,**

penado, penado.